



UM OLHAR SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PARFOR

A look at Supervised Internship in Geography: challenges and possibilities in the National Teacher Training Program (PARFOR)

Alcirene Maria da Silva Cursino¹

Resumo

O presente trabalho nos conduz a refletir acerca da prática pedagógica e a formação de professores através do Plano Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica – PARFOR, nos cursos de Licenciatura em Geografia no estado do Amazonas, a análise realizada ocorreu em campo na disciplina Estágio Supervisionado em Geografia II em um município que faz parte da microrregião do Alto Solimões, que fica a uma distância de Manaus de 1201 km, a população desse município é estimada em 21.602 habitantes, fonte do (IBGE) 2019, seu índice de desenvolvimento humano – IDH é de 0,496, dados de 2010 do (IBGE) o que é apontado como um índice muito baixo pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Para atender as demandas atuais da sociedade e do mercado de trabalho, se faz necessário pensar em atualização dos atuais planos e estrutura dos referido curso.

Palavras-Chave: Estágio, Geografia, Desafios, Possibilidades, PARFOR

Abstract

The present work leads us to reflect on the pedagogical practice and teacher training through the National Plan for Teacher Training for Basic Education – PARFOR, in Geography Degree courses in the state of Amazonas. The analysis took place in the field in the Supervised Internship in Geography II discipline in a municipality that is part of the micro-region of Alto Solimões, 1201 km away from Manaus, with an estimated population of 21,602 inhabitants, according to IBGE (2019), the Human Development Index (HDI) is 0.496, data from 2010, which is pointed out as a very low index by the United Nations Development Programme (UNDP). To meet the current demands of society and the labor market, it is necessary to think about updating the current plans and structure of the aforementioned courses.

Keywords: Internship, Geography, Challenges, Possibilities, PARFOR

Introdução

A disciplina Estágio Supervisionado em Geografia II no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia do PARFOR, corresponde ao ensino médio e tem se apresentado como um grande desafio frente as condições que os acadêmicos enfrentam que vão desde o deslocamento, sobrevivência, infraestrutura e a sua própria manutenção no

¹ Professora Assistente do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas. Atuando nas disciplinas Didática Especial da Geografia, Metodologia e Prática de Ensino, Geografia nos anos iniciais, Metodologia e Ensino Aprendizagem da Geografia e Estágio Supervisionado nos Cursos de Geografia e Pedagogia. Doutoranda em Educação – DINTER, convênio UEA/UERJ. e mail: amscursino@gmail.com



período do curso visto que esses precisam sair de suas localidades de moradia para passarem uma temporada na sede do município, onde muitos deles se quer tem onde abrigar-se, pois a maioria vem da zona rural do município ou da zona rural de outros municípios nas adjacências de onde o curso está sendo oferecido.

A proposta desse artigo não é esgotar as discussões sobre o tema, pelo contrário, é abrir um leque para novas discussões a partir da problematização da realidade vivenciada pelos acadêmicos/professores ao longo da prática docente, para que os mesmos possam construir o discurso sobre o fazer pedagógico. Para isso, buscou-se por meio da investigação e da vivência na disciplina, através da observação e participação em campo com os mesmos, os mecanismos para se avaliar e reavaliar a ação docente, tendo como propósito perceber a construção da identidade do professor ao longo do curso de geografia e para isso começou-se com as reflexões sobre a prática pedagógica vivenciada no decorrer do Estágio Supervisionado em geografia II para o Ensino Médio, que possibilitou essas reflexões para novas discussões e problematizações da prática pedagógica.

Das reflexões sobre a prática docente para aprender e ensinar geografia

O Estágio Supervisionado para a formação de professores em geografia destaca-se por sua grande relevância no sentido de confrontar as questões teórico-práticas da ação docente, nesse sentido, atenta-se para as ponderações de Lima (2006), quando faz referência sobre a importância do Estágio para a formação de professores, em que considera a prática pedagógica vivenciada no campo do Estágio Supervisionado, não tão somente como uma atividade docente, mas, também como uma oportunidade que o professor tem de aproveitar esse campo para exercitar as ações de professor pesquisador através das oportunidades de pesquisa que se apresentam como componentes determinantes para a transformação da comunidade e da sociedade em que esses professores atuam e estão inseridos.

Refletir sobre a prática docente no ensino de geografia, requer sensibilização, em relação as discussões e uma análise acerca da metodologia empregada nas aulas, enfatizando os recursos didáticos que são utilizados pelos professores, trazendo ao ambiente da discussão que o ensino de geografia na maioria da vezes é rotulado como um ensino tradicional em que



os conteúdos são assinalados por uma fragmentação em relação a construção do saber e que isso gera um distanciamento da realidade do cotidiano dos alunos, sendo assim, se faz necessário uma análise mais apurada quanto aos procedimentos metodológicos e uma reflexão mais precisa e consciente da prática docente no ensino da geografia.

[...] O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. Não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como ‘teóricos’, que a profissão se aprende ‘na prática’, que certos professores e disciplinas são por demais ‘teóricos’. Que ‘na prática a teoria é outra’. No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática. (PIMENTA, LIMA, 2006, p.6).

Mediante tais questões observamos que o próprio professor em formação acredita que o ensino é fragmentado, não consegue conceber como uma unidade de interligação e nesse contexto da aprendizagem pensar o ensino geográfico no início do século XXI demanda superar essas amarras que estão formatadas no pensamento reflexivo do acadêmico/professor, conduzi-los a uma reflexão onde os saberes cotidianos aplicados ao ensino são de grande importância para a produção de saberes, que não se deve limitar a essas ações. Nessa trajetória de desenvolvimento do conhecimento geográfico busca-se em processos científicos, teóricos e metodológicos próprios da geografia uma garantia de sustentação para garantir a sua base escolar e ultrapassar essas barreiras.

No que se refere-se ao conhecimento teórico-metodológico acerca da Geografia pelo professor, entende-se como um aporte fundamental na organização e no planejamento escolar para que ocorra o ensino e aprendizagem da geografia além desse conhecimento o educador deve considerar o cotidiano do aluno para que o saber geográfico possa ter significado para os educandos, pois, dessa maneira, o professor de geografia terá resultados satisfatórios no desenvolvimento de habilidades e competências geográficas.

Em estudos e pesquisa sobre os professores e suas práticas profissionais, entende-se que os professores são profissionais importantíssimos nos processos de mudança das sociedades, por serem formadores de opinião, face a essas informações e nas observações que



realiza-se no campo do Estágio Supervisionado, percebe-se que a identidade do professor é construída a partir das experiências que vivenciam ao longo das práticas de ensino, mas, que se valida no momento em que esses vão para o Estágio Supervisionado, é por isso, que a universidade que é responsável por oferecer a formação para esses acadêmicos e enquanto unidade formadora também é responsável pela articulação entre teoria e prática. A partir do momento que ocorre essa superação da visão de separação entre teoria e prática, o acadêmico/professor ao se confrontar com a realidade escolar construirá a sua identidade enquanto professor.

No desenvolvimento da disciplina Estágio Supervisionado que é um pré-requisito obrigatório para a conclusão dos cursos de Licenciatura e nesse sentido procura reservar momentos de interação com a realidade escolar, pois, ao entrar em contato com essa complexa realidade, o docente entra em confronto com que aprende teoricamente na universidade e relaciona com aquilo que constitui o cotidiano escolar no que diz respeito às diversidades, às diferenças, aos saberes e às complexidades. Tudo o que o professor estudou ao longo das demais disciplinas se unem a esse conjunto de conhecimentos adquiridos por meio da prática pedagógica articulada com a teoria e contribui para que o docente adquira habilidades e competências em sua formação, pois, para ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações que aparecem no seu dia a dia.

Um olhar sobre a prática docente no ensino de geografia

Na atualidade vivemos um grande desafio que concerne na necessidade de desenvolver uma prática docente que seja capaz de ter um diálogo que converse entre o que se ensina e o que se faz e isso precisa permear o cotidiano dos alunos, a cada dia percebe-se a necessidade fundamental de diminuir as distâncias entre o que se diz e o que se ensina, para que um dia seja possível evoluir onde o discurso do professor seja representado pela sua prática. Na busca dessa prática o professor precisa dispor de procedimentos de ensino que possam estabelecer a articulação teórico-prática para que ocorra uma aprendizagem mais



significativa e para que isso ocorra o professor deve fornecer ao aluno as possibilidades de acesso às informações e saberes necessários para apropriação do conhecimento.

Em relação a essa prática docente no ensino da geografia, Cavalcante (2012) aponta que:

[...] O caminho mais adequado para desenvolver o tema de procedimentos no ensino de geografia é o de uma reflexão sobre os objetivos. Ensino é um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos, os métodos e as condições e formas de organização”. (CAVALCANTE, 2012, p. 175-176)

Considerando essa visão, existe uma preocupação em se estabelecer objetivos que possam nortear aspectos considerados indispensáveis para que se desenvolva o processo de ensino aprendizagem no aluno e que os mesmos possam ser alcançados e devendo ocorrer uma articulação pertinente entre o que se planeja, o que se executa nas relações que são estabelecidas dentro e fora das salas de aula, nesse sentido é importante considerar que, para que ocorra êxito nas práticas docentes o professor deverá fazer uma reflexão sobre a sua própria prática. Nesse aspecto, a ação reflexiva, pode possibilitar que esse professor realize um ensino distinto daquele que costuma fazer e que se faz presente na realidade escolar, no ensino de geografia, um ensino voltado para as meras descrições, sem muitas possibilidades e estímulos, no qual a aprendizagem limita-se na reprodução ou decodificação de conteúdos geográficos.

No processo pela busca da prática docente é importante que se estabeleça posturas que venham fornecer reflexão crítica para estimular o aluno a compreender que o mundo em que vive encontra-se intimamente ligado a geografia escolar, e que ao interpretar a leitura do espaço estará conseqüentemente, construindo sua própria identidade. Para essa compreensão buscou-se no professor Milton Santos, que foi um grande expoente da Geografia Humana para o estudo da sociedade, referenciando a sua obra, “Por Uma Geografia Nova”, que leva o professor a uma crítica sobre a ciência geográfica e procura mostrar as lacunas no ensino dessa disciplina principalmente quando se defronta com o raciocínio epistemológico crítico em que muitas das vezes tem se apresentado de maneira circular e redundante sobre o como pensar e fazer geografia no cotidiano e mais ainda no cotidiano escolar.



Outra questão que se apresenta com constante pertinência, está relacionado com as categorias de análise no processo de leitura e de interpretação de mundo referenciado pela professora Callai (2005) quando mostra que:

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, (2005, P. 228.)

Quando se aprende a ler o mundo, se discute a possibilidade e a importância de aprender a geografia considerando a leitura do mundo e da vida e do espaço em que se vive, procurando defender a necessidade de iniciar uma alfabetização cartográfica considerando as questões geográficas ensinadas nos primeiros anos escolares como uma das formas de contribuir com essa alfabetização, visto que a leitura do mundo passa pela compreensão de como a sociedade se produz e se reproduz e de que maneira o conhecimento científico pode contribuir nessa trajetória. Nesse sentido, a geografia como uma disciplina crítica engloba aspectos relevantes como noções do meio cultural, econômico ou político e que, a mesma, está presente no interior da sala de aula, buscando aproximar o máximo possível os conteúdos geográficos discutidos na sala de aula com as diferentes situações e realidades existentes.

A compreensão da sociedade na ótica da geografia e sua influência na leitura e interpretação do mundo pelos diversos sujeitos sociais.

Ao considerar que a geografia é uma ciência que estuda as relações sociais na superfície terrestre, entendemos que os conceitos da geografia são importantes instrumentos de análise do espaço geográfico, constituído a partir das relações humanas e desta com a natureza, caracterizando as relações que as sociedades estabelecem entre si.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de geografia demonstram com bastante propriedade a importância dessa conectividade.



O ensino da Geografia possibilita aos educandos a compreensão de sua posição nas relações da sociedade com a natureza; bem como suas ações, individuais ou coletivas, emitem consequências tanto para si como para a sociedade. De modo similar, permite que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações estabelecidas na construção do espaço geográfico onde se encontram inseridos, enquanto sujeitos, tanto no contexto local como mundial (BRASIL, 1998).

Entende-se que a geografia é uma ciência que se consolidou no século XVIII, no entanto foi passando por inúmeras transformações para procurar entender e atender as necessidades advindas das transformações sociais e nesse movimento passou da tradicional para a crítica, da crítica para moderna e está hoje em sua vertente cultural buscando a interdisciplinaridade com áreas semelhantes e que estão relacionadas com as transformações.

Santos, (2008) mostra que em meados do século XX, ocorreram mudanças muito significativas no que concerne a organização social das sociedades, principalmente das sociedades modernas, como também por parte das teorias que se lançam para explicar essas transformações.

Ele destaca também que foi nesse período que apareceu um amplo movimento sociocultural da pós-modernidade, com a sua visão e interesse, onde e que nesse momento ele procurou investigar de que maneira os ideais da modernidade se concretizavam e quais os meios utilizados para a concretização desse propósito.

Ao considerar esse paradigma entende-se que a geografia se ocupa dos estudos da transformação do espaço, das relações dialéticas e das mudanças que ocorrem no contexto mundial, o que está relacionado como a maneira como a sociedade se organiza e produz.

Portanto seria de suma importância refletir sobre o ensino de geografia na atualidade repensando a sua atuação num processo amplo e complexo, sobretudo pelas rápidas transformações que ocorrem nas várias dimensões: política, econômica, social, ambiental e cultural. Nesse sentido o professor de geografia deve mostrar e procurar contextualizar com os alunos o processo de transformação da sociedade, assim como, acompanhar e evidenciar tais transformações no âmbito escolar.

Nesse contexto, Santos traz para nossa compreensão a questão sócio-histórica da modernidade e as mediações políticas necessárias para implementação dos ideais que se



almejavam estando inserido no conceito de ciência e por sua vez utiliza o marxismo como parâmetro dessas ações.

[...] o paradigma da modernidade é um projeto sociocultural muito amplo, prene de contradições e de potencialidades que, na sua matriz, aspira a um equilíbrio entre a regulação social e a emancipação social. A trajetória social deste paradigma não é linear, mas o que mais profundamente a caracteriza é o processo histórico da progressiva absorção ou colapso da emancipação na regulação e, portanto, da conversão perversa das energias emancipatórias em energias regulatórias, o que em meu entender se deve à crescente promiscuidade entre projeto da modernidade e o desenvolvimento histórico do capitalismo particularmente evidente a partir de meados do século XIX (SANTOS, 1995, p.137)

Na avaliação de Santos, a modernidade esgotou definitivamente as suas possibilidades emancipatórias e entrou em um período de exaustão completa um período de transição que pode durar muito tempo, para ele não se trata de apenas entender que as aspirações e os elementos constitutivos da modernidade eram ilusórios, como muitos autores pós-modernos entenderam e defenderam.

Ele aponta que acontecia um equívoco, uma confusão, ou seja, uma promiscuidade crescente entre a modernidade e o capitalismo, onde os elementos constitutivos da modernidade, acabaram com algumas questões da ciência, da epistemologia e da razão moderna, nesse sentido as ideias de progresso, universalidade e totalidade, e o pólo da emancipação foi cada vez mais se aproximando e sendo absorvido pelo pólo da regulação.

No que diz respeito a emancipação das ciências na modernidade e na pós-modernidade a ciência geográfica procurou dar ênfase ao seu objeto de estudo que é o Espaço Geográfico, considerando as suas composições, analisando a interação entre sociedade e natureza. No âmbito dessa análise, essa área do conhecimento utiliza, em suas abordagens, uma série de conceitos que são considerados pilares de base para a **Geografia** fundamentar seus estudos, que são **categorias de análise que caracteriza** o palco onde se estabelece as mais diversas relações sociais através da compreensão desses conceitos.

Analisar esse contexto significa estudar, analisar, compreender o mundo com o olhar espacial e a partir desse olhar espacial, procurar compreender o mundo da vida, entender as dinâmicas sociais, como se dão as relações entre os homens e quais as



limitações/condições/possibilidades econômicas e políticas que interferem. De acordo com Callai (2000).

[...] o olhar espacial supõe desencadear o estudo de determinada realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço. O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis têm que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando. (CALLAI, 2000, p. 94),

Esses conceitos teóricos metodológicos são essenciais para a aprendizagem dessa ciência e da compreensão da produção e da reprodução da sociedade, a partir da caracterização do que seja lugar, paisagem, território e região. Ao falar de uma nova Geografia, faz-se uma crítica da evolução da Geografia e se propõe uma nova forma de pensar e fazer Geografia na contemporaneidade, ele diz que a Geografia ainda traz consigo consequências de seu início enquanto ciência tradicional e das condições econômicas, sociais e políticas nas quais se desenvolveu.

[...]“parte da compreensão de espaço como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (SANTOS,1996)

Nessa perspectiva nos mostra também que em busca da “Nova Geografia” houve a exclusão do movimento social do processo de realização da ciência e eliminou de suas preocupações com o espaço das sociedades em movimento permanente, de modo que a Geografia se tornou, esma do espaço. Dessa maneira, o espaço geográfico era estudado como se não fosse resultado de um processo em que o homem, a produção e o tempo exerciam o papel essencial, ou seja, ignorava a dinâmica do espaço logo também a dinâmica da sociedade e as formas como estas se reproduziam.

Para corrigir isso, a geografia procurou buscar outras alternativas de estudar e compreender esse movimento e entre essas tentativas de a ciência geográfica corrigir essa faceta foi buscar a interdisciplinaridade e da certeza quase que absoluta dos geógrafos em se trabalhar de forma interdisciplinar.



Desafios e possibilidades de refletir sobre a prática docente a partir do Estágio Supervisionado em Geografia no PARFOR

O Estágio Supervisionado ainda é desenvolvido em sua prática na concepção de imitação de modelos, essa imitação não tem conseguido gerar reflexão em relação a ação pedagógica que se teoriza em sala de aula nas reflexões dos textos de estudos que e questionam as práticas docentes, e isto, de certa maneira, tende a inviabilizar a valorização do desenvolvimento intelectual do estagiário, priorizando apenas a repetição do modelo, o que faz com que o interesse pelo estágio, seja visto de forma reduzida e incipiente, principalmente pelos alunos que já são professores e estão inseridos no contexto das escolas atuando na profissão de professor.

Esse comportamento diminui a importância da atividade do estágio, tornando-a sem valor, enfadonha de características meramente acadêmica a ser cumprida de maneira obrigatória caracterizando algo somente formal. Na turma que está sendo objeto dessa análise observou-se que o grande desafio foi o de trazer os acadêmicos/professores para essa realidade, porque se tratou de uma turma de segunda licenciatura, e 95% dos alunos eram professores dos anos iniciais que tinham feito o Normal Superior, logo para eles o Estágio não era um componente significativo pois eles sempre afirmavam que já sabiam ministrar aulas.

Outro desafio foi em relação ao campo para realizar os Estágios porque a carga horária era de 120 horas, dessas, 30 horas eram de estudos e reflexões acerca do Estágio Supervisionado e as outras 90 horas ficavam para as práticas docentes através da observação, intervenção e da regência, questão crucial pela falta de espaço (Escola de Ensino Médio) que na maioria das localidades onde esses cursistas residiam não tinha escola de ensino médio nessa turma 80% eram professores na zona rural, nas localidades que possuíam ensino fundamental e médio funcionavam em regime seriado, ou seja, alunos do fundamental II e do ensino médio estudavam na mesma sala com os mesmos professores e em outras localidades o ensino médio era mediado por televisão, os alunos assistiam as aulas que eram transmitidas pela TV, o que na prática terminava inviabilizando que se praticasse o que se lia nos textos sobre professor crítico reflexivo, formação cidadão e práticas docentes por uma aprendizagem significativa.



Nesse sentido para trabalhar o Estágio Supervisionado em Geografia no PARFOR, quanto mais distante da capital fica o município maiores são as dificuldades enfrentadas para conseguir campo de estágio e nesse sentido o que foi realizado para minimizar esses desafios, criou-se exemplos onde apresentava-se aulas gravadas de como trabalhar como o primeiro, segundo e terceiro ano e depois realizava-se uma análise em relação ao desenvolvimento daquela aula baseando-se nos referenciais teóricos utilizados no primeiro momento do Estágio como uma espécie de estudo de caso.

Apesar de todos os esforços que foram engendrados para trabalhar essa disciplina o aproveitamento não conseguiu ser de 75%, pois além da falta de campo para a realização das práticas efetivas os cursistas enfrentavam a questão da liberação por parte de seus superiores, os gestores das escolas que alegavam que como os cursistas já eram liberados para as aulas que em tese chamamos de “teóricas”, seria inviável liberá-los para que realizassem os estágios, devido a esses desafios, sugeriu-se aos coordenadores que em próximas turmas e outros PPC's fosse repensado a oferta dos estágios de modos que a contemplação da carga horária se desse no período direto do deslocamento do cursista sem que este precisasse realizar em duas etapas como ocorre em curso oferta regular.

Tal proposta se faz por entender que para a profissão de professor as técnicas como em qualquer outra profissão são necessárias de serem testadas que são as metodologias aliadas aos recursos de cada conteúdo e que cada um possui a sua ação própria, mas, é importante ressaltar que o estágio não ser resume somente a técnicas, existe todo um conjunto de ações que se alia a esse processo para que a engrenagem do ensino aprendizagem funcione, conforme demonstra (Pimenta e Lima, (2005).

O exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias. Assim, o médico, o dentista, necessitam desenvolver habilidades específicas para operar os instrumentos próprios de seu fazer. O professor também. No entanto, as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais. (PIMENTA, LIMA, 2005, p.8.)



Considerando a afirmação acima citada que nos remete para uma maior atenção para o reducionismo das técnicas e vão mais além quando dizem a profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino. Para melhor compreendê-la, necessário se faz distinguir a atividade docente como prática e como ação, procurando conectar sempre a teoria e prática em um processo em que o papel das teorias se faz para iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Considerando o cenário apresentado, percebeu-se as dificuldades que foram encontradas para trabalhar o Estágio Supervisionado na formação docente do professor de geografia pelo PARFOR, muito embora, não seja inviável desde que seja alinhado no momento da elaboração do PPC do Curso, considerando os relatórios finais que apresentamos ao final da disciplina com as sugestões para sanar essas dificuldades e superar os desafios encontrados ao longo da caminhada de frutífera aprendizagem.

Referências

- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. CEDES** [online]. 2005, vol.25, n.66, pp.227-247. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>.
- CAVALCANTE. Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP: Papyrus, 2012.



PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

Trabalho apresentado em 21/08/2021

Aprovado em 20/10/2021